

Jeff Kinley

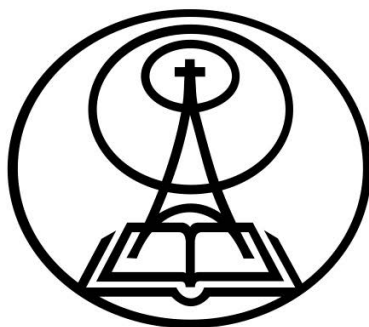
COMO FOI NOS DIAS DE NOÉ

Advertências da profecia bíblica
sobre a futura tempestade global



chamada

Esta é uma amostra
Compre este livro em nosso site



<http://loja.chamada.com.br>

Jeff Kinley

COMO FOI NOS DIAS DE NOÉ



Jeff Kinley

COMO FOI NOS DIAS DE NOÉ

Advertências da profecia bíblica
sobre a futura tempestade global

1ª Edição
2020



chamada

As It Was in the Days of Noah
Copyright © 2014 by Jeff Kinley
Published by Harvest House Publishers
Eugene, Oregon 97402
www.harvesthousepublishers.com

Todos os direitos reservados para os países de língua portuguesa.

Copyright © 2018 por Chamada

1ª Edição – Setembro/2020

É proibida a reprodução desta obra em quaisquer meios sem a expressa permissão da editora, salvo para breves citações com a indicação da fonte.

Editor: *Sebastian Steiger*

Tradução: *Doris Körber*

Revisão: *Chamada*

Capa e diagramação: *Rômulo Spier do Nascimento*

Salvo indicação em contrário, todas as passagens da Escritura foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Internacional, NVI®, copyright © 1993, 2000, 2011 por Biblica, Inc. Todos os direitos reservados mundialmente.

Passagens da Escritura marcadas como NAA foram extraídas da Nova Almeida Atualizada (NAA), copyright © 2017 por Sociedade Bíblica do Brasil. Todos os direitos reservados.

Passagens da Escritura marcadas como NVT foram extraídas da Bíblia Sagrada, Nova Versão Transformadora, copyright © 2016 por Editora Mundo Cristão. Todos os direitos reservados.

Obra Missionária Chamada da Meia-Noite

Rua Erechim, 978 – Bairro Nonoai
90830-000 – Porto Alegre – RS/Brasil
Fone: 0300 789 5152

www.chamada.com.br
pedidos@chamada.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial - Bibliotecária: Priscila Pena Machado CRB-7/6971

K55 Kinley, Jeff.
Como foi no dias de Noé : advertências da profecia bíblica sobre a futura tempestade global / Jeff Kinley ; [tradução Doris Körber]. – 1. ed. – Porto Alegre : Chamada, 2020.
248 p. ; 21 cm.

Tradução de: *As it was in the days of Noah*
ISBN 978-65-991188-8-3

1. Noé (Patriarca hebreu). 2. Bíblia - Profecias - Fim do mundo. 3. Fim do mundo - Ensino bíblico. 4. Dilúvio - Ensino bíblico. I. Köber, Doris. II. Título

CDD 220.15

*Para meus quatro “ouvintes”, que, como Noé,
agiram de acordo com os propósitos de Deus.*

A fé de vocês me inspira.



SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	9
INTRODUÇÃO	11
1. OS DIAS DE NOÉ	15
2. O ÚLTIMO HOMEM (JUSTO) NA TERRA.....	37
3. ENXURRADA.....	61
4. PROFETA CARPINTEIRO	83
5. UM MUNDO ÍMPIO.....	103
6. UM HISTÓRICO DE VIOLÊNCIA.....	123
7. CINQUENTA TONS DE IMORALIDADE.....	141
8. DIAS TERRÍVEIS	165
9. VINDO COM AS NUVENS	191
10. A PORTA ABERTA	209
NOTAS	227

AGRADECIMENTOS

Autores estão sempre buscando seu próximo projeto literário. No entanto, neste caso o livro encontrou o autor. Este projeto começou com uma “ideia maluca” que rapidamente se transformou num grande passo de fé. Devo um grande agradecimento ao meu agente, Bill Jensen, que inicialmente teve a visão para o livro e sugeriu que eu o escrevesse. Sou grato a minha esposa, Beverly, que orou fervorosamente comigo sobre assumir este projeto. Eu também não conseguiria escrever este livro sem o auxílio de meu “escriba” Stuart Kinley, que digitou incansavelmente minhas revisões e edições originais, servindo também como um segundo par de olhos. Por fim, estou em dívida com toda a equipe da Harvest House, que viu *Como foi nos dias de Noé* como um livro oportuno para esta geração.

INTRODUÇÃO

Talvez não haja nenhum outro relato antigo na história humana que cativa tanto a nossa atenção quanto a narrativa a respeito de Noé e do grande Dilúvio. A aventura da arca é tão antiga quanto o próprio tempo e, ao longo das eras, cerca de 270 versões dela passaram de geração em geração em culturas do mundo inteiro. Da Assíria-Babilônia ao Antigo Egito, China e até mesmo Havaí, cada relato diluviano apresenta semelhanças marcantes com a narrativa bíblica. Um aspecto especialmente espantoso é o fato de que a maioria fala de uma população má, de um solitário homem justo, de uma destruição universal pela água e de uma arca.

Os céticos apresentam esses “mitos do Dilúvio” como prova de que a Bíblia não tem direito de exclusividade sobre essa alegoria pré-histórica tão frequentemente contada. Alegam que Moisés (ou “quem quer que realmente tenha escrito Gênesis”) provavelmente tomou emprestado um mito comum, adaptando-o à cultura judaica e ao seu próprio conceito de Deus. Defendem que a história de um homem que constrói um navio de carga gigante para proteger sua família de uma divindade irada que quer destruir a humanidade não passa de uma fábula fossilizada. Um conto de fadas. É claro que a explicação alternativa é complicada – que a descrição bíblica seria 100% acurada, inclusive nos menores detalhes, e que o Criador embutiu esse relato em

virtualmente todas as culturas antigas como testemunho de sua veracidade. Mas Deus deu um passo além, providenciando para que o evento fosse documentado para nós por meio de um livro.

Jesus Cristo acreditava em Noé. E no Dilúvio. E na arca. Na verdade, em lugar algum da Escritura encontraremos a menor insinuação de que o homem Noé, sua história ou o Dilúvio global seriam apenas uma metáfora, um conto mitológico, uma parábola moralista ou uma obra de ficção. Pelo contrário, ela estabelece a realidade do evento do Dilúvio com muita firmeza (2Pe 3.5-6). Mas é claro que se esperaria isso da Bíblia, não é? No entanto, ainda mais espantoso é que Jesus associe a historicidade de Noé e de sua arca à certeza de eventos proféticos futuros e sua volta física a este planeta (Mt 24.1-3,36-39).

Além disso, Jesus introduziu suas afirmações a respeito de Noé declarando suas próprias palavras como tão verdadeiras que sobreviveriam a céus e terra (Mt 24.35). Ou, em outras palavras, “tudo o que eu digo vai acontecer”, garantiu, “e vocês podem contar com essa verdade”.

Para descartar ou negar a realidade de Noé e do Dilúvio, basta refutar a pessoa de Jesus Cristo e sua reivindicação à divindade, coisa que mortal nenhum conseguiu realizar com sucesso nos últimos dois mil anos. A confiabilidade histórica da Escritura (e, com isso, do Dilúvio) está inseparavelmente ligada ao caráter e à identidade do próprio Deus. E, embora seja possível produzir um registro histórico acurado sem a ajuda do Senhor, é impossível ter profecias ou o sobrenatural sem ele. Não há dúvida de que Noé

é a história quintessencial de profecia, intervenção divina e juízo.

Com uma precisão de dar calafrios, a Bíblia reconta esse evento épico que levou bilhões para uma cova de água.¹ O que aparece na Escritura vai muito além de qualquer *blockbuster* de Hollywood. Não há aqui nenhuma cena gerada em computador, em 3D ou com efeitos especiais. Nem um filme de ficção que atropela nossos sentidos com imagens gigantescas e sons ensurdecedores, retratando o horror de um apocalipse aquático global.

Em vez disso, trata-se de algo muito pior.

Como foi nos dias de Noé levará você de volta a um mundo difícil de reconhecer. Talvez você ache as cenas e os sons do mundo pré-diluviano perturbadores. Essa história redirecionará sua perspectiva da humanidade e desafiará até mesmo sua percepção a respeito do próprio Deus. Mas também é minha esperança que você use a narrativa do Dilúvio como uma lente para analisar o mundo de hoje, oferecendo-lhe um vislumbre pelo visor de Deus, porque é através do estudo desse evento do passado que podemos entender melhor o presente e nos preparar com mais eficácia para o futuro.

Quero encorajá-lo a pesquisar pessoalmente a Escritura enquanto você lê este livro. Esse tal Noé é muito mais do que um personagem antigo em um livro, e a classificação indicativa dessa história definitivamente não deveria ser “livre”. As páginas a seguir contêm a versão sem cortes de um capítulo tão perturbador da história humana que você pode ficar se perguntando se realmente aconteceu da for-

ma como a Bíblia descreve. Este livro desvela o coração do homem e a santidade de Deus. Por isso, navegaremos com reverência. Dito isso, o mar pode ficar agitado; portanto, se você estiver pronto, suba a bordo, agarre seu colete salva-vidas e segure-se firme.

Você está prestes a descobrir como uma antiga história de escola bíblica dá um salto no tempo, lançando luz sobre a geração de hoje e ligando-se a outro juízo global ainda futuro. Mas, à medida que você mergulha na história de Noé, também encontrará um reservatório de esperança.

E um Deus que espera com a porta aberta.

Jeff Kinley

Little Rock, Arkansas

1 ≈ OS DIAS DE NOÉ

... estou triste por havê-los feito.

Gênesis 6.7 (NAA)

Está vindo um dilúvio. Deus vai destruir essa terra, incluindo *você*, a não ser que você se arrependa.

Essa era a essência da mensagem de Noé. Simples. Objetiva. Sem enrolação. O sermão desse pastor é franco, direto, e ele até usa uma ação prática para ilustrar o principal ponto da mensagem – a construção de um barco bem grande. O sermão audiovisual de Noé durou 120 anos.

E então veio o Dilúvio e destruiu a todos.

Simples assim.

Mas há mais coisa nessa história. Na descrição do drama do Dilúvio, o que muitas vezes desaparece em meio aos relatos sobre um homem idoso e a arca, seus habitantes de duas, quatro ou mais patas e o terrível juízo pela água é a percepção de como *Deus* se sentiu a respeito de tudo isso. Sabemos que a história termina com seu juízo, mas esquecemos de mencionar que todo esse catastrófico evento não brotou de um punho irado, mas de um coração partido. O Espírito de Deus estava profundamente entristecido. Ele experimentou sofrimento real, o que é um conceito incomum, especialmente no contexto de um julgamento.

Mas há determinadas facetas do relacionamento de Deus com a humanidade que o afetam emocionalmente, causando dor e arrependimento ao seu Espírito (Ef 4.30). Isso acontece porque Deus não é uma divindade estoica, fria, distante, mas um Pai que tem sentimentos. Ele não é um velho ranzinza, de cara amarrada, que grita com as crianças da vizinhança que estão fazendo barulho. Ele não está sentado em algum lugar do cosmos nos vigiando e procurando uma forma de nos punir por cada erro que cometemos.

Pelo contrário: seu coração é mais terno do que qualquer palavra mortal é capaz de descrever. Mais afetuoso do que qualquer ser humano é capaz de imaginar. De modo extraordinário, ele é ao mesmo tempo compassivo e santo, gracioso e honrado, misericordioso e justo, perdoador e irado. E não há qualquer contradição ou inconsistência em todos esses atributos. Suas infinitas qualidades complementam umas às outras de forma harmoniosa, em um nível que vai muito além da nossa compreensão humana. Este é o mistério da divindade. Ele é Deus – transcendente, mas pessoal. Invisível, mas íntimo. Eterno, mas sempre presente ao nosso lado. O Deus que inunda também perdoa. Normalmente ofuscado pelos animais e por uma arca, o personagem principal desse drama antigo é, na verdade, o próprio Yahweh. Ele é o ator principal e o diretor, já que a história começa e termina com ele. Sua presença é o pano de fundo para todas as cenas.

Na narrativa do Dilúvio, a ação é pausada como que em câmera lenta ou em cenas congeladas. A história parece paralisar-se, e esses instantes parentéticos nos dão vislum-

bres de quem Deus realmente é. Somos levados a espiar seu coração, vendo seu caráter com uma clareza revigorante e bem definida. Como acontece em muitos episódios épicos descritos na Escritura, Deus nos oferece aqui uma perspectiva multifacetada de um único incidente. Por meio desses posicionamentos verbais registrados para nosso benefício, vemos o que ele vê. A história de Noé nos dá acesso a todos esses ângulos de câmera. Neste campo de visão encontramos, entre outras coisas, um Deus enlutado, de coração partido pela decadência e loucura moral de sua criação (Is 63.10; Mt 23.37; Ef 4.30). Vemos como o pecado lhe causa sofrimento e, neste caso, como essa dor dá início a uma profecia de juízo. Em uma irônica virada, descobrimos que a única forma de Deus salvar a humanidade era destruí-la e começar de novo.

Foi assim que aconteceu.

Ao conduzir alguns milhões de judeus para fora da escravidão no Egito, Moisés (um ex-pastor de ovelhas transformado em libertador) rompe 400 anos de maré de azar para o povo de Deus. Durante os próximos quarenta e tantos anos, ele peregrina com eles por uma desabitada terra de ninguém, mais conhecida como deserto do Sinai.

Sentado em sua tenda, o resgatador de Israel pega uma pena de junco e uma folha de papiro e começa a escrever a história de Deus e da humanidade – o relato *oficial*. Ele descreve as maravilhas da criação: os céus, a terra, as estrelas, até mesmo o conceito da própria luz. Ele registra a criação dos mares, da vegetação, das criaturas na água, terra e ar, concluindo com a obra mais criativa de todas – o ser humano

feito à sua própria imagem e semelhança, em cujas narinas inspira então o sopro de vida. Esta seria a maior realização de Deus. Sua *magnum opus*. Sua obra-prima (Sl 8.3-6).

Mas não demorou muito para que os primeiros seres humanos da história, dotados de livre-arbítrio por seu Criador, usassem sua liberdade para buscar autogratificação em vez de Deus. É neste ponto do relato que a tinta da caneta de Moisés assume uma tonalidade bem mais escura. O coro festivo da criação agora transita para um refrão pesaroso, à medida que descreve a queda vertiginosa do ser humano em pecado e ruína. O Criador da vida teria preferido um enredo diferente, no qual Adão e Eva escolhessem obedecer em vez de acreditar numa mentira. Mas não era para ser. E uma evidência contínua disso aparecia diante dos olhos de Moisés quando ele afastava a aba de sua tenda para observar os milhões de israelitas que tinham feito a mesma escolha no deserto – abandonar a fé num Deus bom para seguir os seus próprios desejos e planos.

E assim Moisés descreve, talvez com o coração pesado, os detalhes a respeito da condição do planeta há mais de quatro mil anos. Graças a ele, Gênesis 6 é o nosso passaporte para ver os bastidores do passado – um *tour* particular do que havia por trás de uma era que alguns negam que tenha existido, enquanto outros se esforçam ao máximo para esquecê-la. É um capítulo da história humana que até mesmo alguns cristãos têm dificuldade para aceitar. Mas ele existe, como uma mancha permanente em nosso passado. A “ficha” da humanidade que registra nossos crimes, ofensas e falhas passadas. Um episódio constrangedor da nossa

história familiar. Aquele parente do qual não gostamos de falar. O tio preso. O primo degenerado. O parentesco que você não reivindica. A ovelha negra da família. Mas não há como escapar. E quando nossa família humana continuou crescendo, cada geração ia ficando sucessivamente pior que a anterior. Não demorou muito para atingirmos um ponto sem volta.

Sexo, Demônios e Depravação

Voltando ao jardim do Éden, Deus ordenou a Adão e Eva: “Sejam férteis e multipliquem-se! Encham... a terra” (Gn 1.28). Esse era um mandamento que nem eles nem seus descendentes teriam dificuldade em obedecer. O sexo era bom; e a procriação, abundante. Em nosso mundo de perversão e pornografia, é fácil esquecer que foi *Deus* quem inventou o sexo. Somos pressionados a pensar que a experiência sexual é algum instinto primário nascido a partir da evolução ou um alívio químico cronometrado pelo cérebro. Nada mais do que hormônios. Ou, pior ainda, que é uma ideia terrível, satânica. Mas isso não é verdade. O sexo é um presente maravilhoso diretamente do coração de Deus. Ele o criou. É invenção *dele*. Ele recebe o crédito. Ele também desenhou nossos corpos, mentes e emoções para realmente *gostar* dessa experiência, e até ficar exultantes com ela. Ele criou a sexualidade como algo desejável, natural e realmente bom (Gn 2.18,23-25).

Depois de constatar isso, Moisés resume cerca de 1 500 anos de vida na terra afirmando que “os homens começaram a multiplicar-se na terra e lhes nasceram filhas” (Gn 6.1). Considerando que a média da expectativa de vida do homem naquela época era de várias centenas de anos, os descendentes de Adão e Eva tiveram muito tempo para procriar. E aparentemente fizeram um ótimo serviço, causando um aumento explosivo da população mundial, que cresceu exponencialmente.

Como o envelhecimento naquela época era bem mais gradual e as pessoas viviam bem mais tempo, havia muitos bebês nascendo. Mas será possível também que os efeitos de longo prazo do pecado hoje tenham destruído totalmente o corpo e a mente do ser humano, de forma que o sexo naquela época era ainda mais agradável do que é atualmente? Será que a queda de Adão e Eva no pecado nos impediu de ter experiências ainda melhores na intimidade física? Seja como for, toda essa atividade sexual resultou na procriação natural e prolífica, sem que ninguém pensasse em limitar o tamanho de sua família. Dessa forma, a população pré-diluviana na época de Noé pode facilmente ter chegado a ter entre 7 e 10 bilhões de pessoas.² Mas o que desagradou a Deus não foi a explosão populacional. Afinal, ele tinha encarregado sua criação de tratar disso (Gn 1.28). Era outra coisa que pesava no coração do Criador. Gênesis 6.5 declara: “O SENHOR viu que a maldade das pessoas havia se multiplicado na terra e que todo desígnio do coração delas era continuamente mau” (NAA).

Espere aí, será que lemos direito? Era realmente isso que Moisés queria escrever? Ele de fato afirma que *toda* pen-

samento de *todas* as pessoas era *mau*? *Continuamente*? O tempo todo? Será que isso é possível? Aparentemente sim, e eis o porquê:

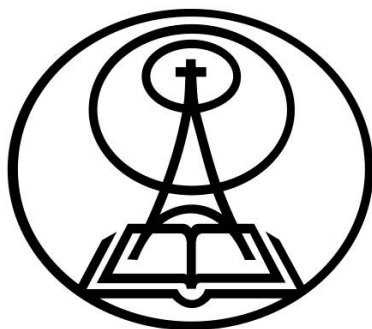
Quando se trata de moralidade, nossa reação típica é comparar-nos a outras pessoas. Coloque-se ao lado de Hitler, de um terrorista ou um predador sexual e pronto: imediatamente você acha que é um santo. Mas quando somos comparados à santidade e aos padrões puríssimos de Deus, você e eu ficamos muito mal (Rm 3.23). Na verdade, Deus repete várias vezes ao longo de toda a Bíblia que o coração do homem é cheio de pecado, chegando ao ponto de descrevê-lo como “mais enganoso que qualquer coisa” e “extremamente perverso” (Jr 17.9, NVT). Uau, Deus – nada como ser sincero, hein?! Faz sentido então concluir que, se o poço (coração) está contaminado, a água colhida no balde (nossas ações) também estará.

Os teólogos chamam essa verdade de “depravação total”. Mas isso não significa necessariamente que cada indivíduo no planeta aja a todo momento de forma tão pecaminosa ou má quanto *seria capaz*. Nem todo mundo passa todos os seus dias, inteiros, atingindo seu “potencial máximo” em termos de pecado. É verdade, no entanto, que o vírus mortal atinge cada canto e componente de nosso ser – corpo, mente e alma. Em outras palavras: assim como a lei da gravidade, a lei do pecado nos domina, determinando e influenciando certos aspectos da nossa vida. Ela arrasta nossos pensamentos, emoções e desejos. Esse narcisismo egocêntrico informa e impacta nossas decisões, relacionamentos, famílias, comunidade e, em última análise, nossa nação e

nosso mundo. Considere vários bilhões de pessoas tomando essa droga chamada pecado, e os efeitos colaterais serão devastadores. Assim, o que Gênesis 6.5 efetivamente afirma é que este era um planeta de viciados absolutamente perdidos. Um desfile de depravação total. Muito antes do juízo divino recair sobre essas pessoas, elas já estavam ocupadas em encher a terra com seu pecado e maldade. Na verdade, elas *eram* tão más quanto poderiam ser – o tempo todo.

Além disso, Gênesis 6 destaca uma área específica da vida afetada por essa droga estimulante chamada pecado. Talvez não haja nenhum outro impulso do desejo humano (exceto respirar e viver) que seja tão forte e intoxicante quanto o sexo. E, como já vimos, ele é bom e foi criado por Deus. Ainda assim, o apetite sexual é também um entorpecente natural, que, misturado à maldade, se transforma em uma droga potente e letal. Nesse mundo pré-diluviano já enlouquecido pela overdose de desejos pecaminosos, é fácil imaginar um vale-tudo sexual global. Se a Bíblia estiver correta ao afirmar que a população mundial inteira pensava no mal 24 horas por dia, sete dias por semana, esses pensamentos maus certamente incluíam promiscuidade sexual, adultério e perversão, assim como estupro, prostituição, homossexualismo, lesbianismo e pedofilia. Essa ideia lhe parece extrema ou forçada? Considerando que a maioria dessas aberrações e perversões existem entre nós *desde* os dias de Noé, não é forçado imaginar o quanto elas terão sido proeminentes num mundo *sem* qualquer padrão ou restrição moral. Talvez tenha sido pior do que nossa imaginação mais louca. O mundo antes do Dilúvio apresenta-

Esta é uma amostra
Compre este livro em nosso site



<http://loja.chamada.com.br>

Uma prévia deslumbrante dos últimos dias da terra

A história de Noé é uma das mais cativantes de toda a Bíblia. Ainda assim, a maioria das pessoas lembra-se dela apenas como uma história infantil encontrada em livros ilustrados e contada nas aulas da escola dominical.

Mas essa tragédia realmente aconteceu — e a profecia assombrosa de Jesus de que os últimos dias do planeta Terra seriam *como foi nos dias de Noé* é amplamente esquecida. O que ele queria dizer com isso? Que haveria paralelos impressionantes entre o tempo de Noé e os últimos dias — com avisos acerca do juízo iminente de Deus sobre o mundo.

A profecia de Jesus está sendo cumprida atualmente? Se sim, qual deveria ser nossa reação?

Como foi nos dias de Noé explora as semelhanças entre os dois períodos, tais como o aumento rápido da maldade e o desprezo cada vez mais flagrante por Deus. Um recurso poderoso que...

- examina os sinais de que estamos nos aproximando do fim dos tempos;
- afirma a urgência de alcançar os perdidos com a compaixão e a verdade divinas; e
- equipa você a viver sabiamente e “remir o tempo” de forma que conte para a eternidade.

Um vislumbre fascinante do que está por vir!

ISBN 978-65-991188-8-3



9 786599 118883